

COLAGEM PANDÊMICA E PESQUISA DE SI: TEMPOS E FORMAÇÕES

PANDEMIC COLLAGE AND SELF-RESEARCH: TIMES AND FORMATIONS

Dra. Renata Sieiro Fernandes¹

56

Resumo

O foco do artigo é relacionar a experiência temporal com a experiência artística e educativa. O objetivo é apresentar a prática educativa da colagem como experiência formativa e, mais do que uma técnica, como linguagem artística e pesquisa de si em meio ao isolamento social e resistência a Pandemia de Covid-19. Metodologicamente, toma-se como material analítico a experiência biográfica narrada e produções artísticas pessoais sob a linguagem da colagem produzidas durante o confinamento doméstico e o isolamento social durante o período de 2019-2022. O referencial utilizado se vale de Charlot, Larrosa, Orbe, Maciel Júnior e Fuão. A colagem permite transformar o caos em cosmo e experimentar temporalidades em suas diferentes potências e forças. Permite acontecer a pesquisa de si, instaurando processos que humanizam, socializam e singularizam ou subjetivam, criando resistências e reinvenções nos modos possíveis de ser, entender, viver, agir sobre o mundo.

Palavras-chave: Educação. Arte. Experiência. Dispositivo pedagógico.

Abstract

The focus of the article is to relate the temporal experience with the artistic and educational experience. The objective is to present the educational practice of collage as a formative experience and, more than a technique, as an artistic language and self-research in the midst of social isolation and resistance to the Covid-19 Pandemic. Methodologically, the narrated biographical experience and personal artistic productions under the language of collage produced during domestic confinement and social isolation during the period 2019-2022 are taken as analytical material. The reference used is based on Charlot, Larrosa, Orbe, Maciel Júnior and Fuão. Collage allows transforming chaos into cosmos and experiencing temporalities in their different powers and forces. It allows self-research to take place, instituting processes that humanize, socialize and singularize or subjectivize, creating resistance and reinvention in the possible ways of being, understanding, living, acting on the world.

Key-words: Education. Art. Experience. Pedagogical device.

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1993), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016). Membro do grupo Educação, Linguagem e Práticas Culturais - PHALA/UNICAMP. Colaboradora no Ponto de Cultura e Memória Ibaô (Campinas-SP). Microcontista. Colagista analógica. Tem experiência na área de Educação como docente na Educação Infantil, no Ensino Fundamental 1 e no Ensino Superior (curso de Pedagogia e pós-graduação em Educação). Atua principalmente nos seguintes temas: educação formal e não-formal, práticas e ações socioeducativas, formação de educadores e professores, pedagogia de projetos. SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.56-76,jan/jul. 2023.

Introdução

*"Toda forma de arte, toda elaboração científica original e toda ação inusitada, seja ela artística, científica ou não, é antídoto à banalidade".
(Bernardo Ajzenberg)*

Este artigo se propõe a apresentar a prática educativa da colagem como experiência formativa e, mais do que uma técnica, como linguagem artística e pesquisa de si em meio ao isolamento social e resistência a Pandemia de Covid-19.

Desde o início do anúncio da Pandemia, a experiência do tempo foi afetada e transformada. Se temos como mitos gregos, três tipos de tempo que nos organizam interna e externamente, o cronológico se manteve como uma linha que se projeta a um fim, a uma conclusão, que, nestes tempos, antecipava a morte, a ruína, a destruição e, desta forma, provocando sentimentos, sensações e emoções de medo, angústia, desistência. Mas também, mergulhados que estivemos, em nossos espaços privados, em que tudo havia sido suspenso, ainda que nos esforçássemos para criar rotinas e rituais que trouxessem sensações de alívio, confiança, esperança, sentimos o tempo Áion como sendo o da eternidade, da presença-ausência, em que nada parece acontecer, em que a história não existe. Nessa oscilação de experiências temporais, contraditórias, o tempo Kairós talvez tenha sido o que mais se fez presente, trazendo as oportunidades no momento certo, capturadas antes que se esvaíssem, para que processos internos transcorressem por meio de práticas diárias na solidão do espaço privado. Processos internos de reinvenção e resistência e práticas artísticas, que de muitos modos, humanizam, socializam e singularizam (CHARLOT, 2000) em tempos turbulentos e situações agudas.

Esse processo educativo triplo, para Charlot (2000) se trata de humanização porque introduz o sujeito no universo dos signos, dos símbolos, da construção de sentidos, permite o acesso a uma cultura que não é qualquer cultura, mas aquela do grupo social a que pertence, demarcada por um tempo histórico, por isso, socialização e que se transforma em um processo de singularização, na medida em que os sujeitos, ao apropriarem-se desse patrimônio, constituem sua própria cultura, imprimindo-lhe sentido. Portanto, se trata de um processo formativo.

A prática artística, qualquer que seja ela, mas neste caso específico, a colagem, como linguagem expressiva e de criação de si, permite o aproveitamento do que está disponível nos tempos e espaços, criando laços de significação aonde existia afastamento ou ausência de nexos, juntando fragmentos, cacos, pedaços, estilhaços (dentro e fora dos corpos) de imagens, sentimentos, emoções, em uma costura amorosa (FUÃO, 2011).

Nesta prática se descobre, se aprende que as imagens têm magia, feitiço, potência de (nos) transformar, porque nem ela está pronta e nem nós. Nós e ela agimos sobre e tudo vira outra coisa, nova. Também tem a potência de nos capturar para dentro e de nos lançar para fora, operando como microscópio e telescópio. Também desafia a pensar para além de uma determinada lógica, em outras para-lógicas. E nos conecta à intuição, esta deusa, sacerdotisa, oracular. Por fim, as imagens também são escuta. Escuta de mundos, para os quais, muitas vezes ou estamos desatentos ou estamos descuidados. Neste aguçamento dos sentidos, a colagem é a companhia para a travessia de pinguelas sobre o mar da modernidade e seus abalos estruturais.

A prática e a experiência

Proponho apresentar a prática artística da colagem como modo de exteriorização e criação de si e a experiência como forma de atravessamento e sensibilização dos sujeitos em tempos instáveis entendendo o exercício investigativo como uma pesquisa de si.

Essas colagens são registros que, como exercícios investigativos ou como pesquisa de si, podem ser entendidos pelo conceito de dispositivos pedagógicos que se traduzem por “tecnologias do eu”, segundo Larossa (1994), extraído do pensamento foucaultiano. As “tecnologias do eu” constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo, da prática e da experiência de si, possibilitando processos de subjetivações que são dados e expressos por meio de “escritas de si”, entendendo as colagens como narrativas textuais imagéticas que engendram palavras e pensamentos.

Considero, ainda, que as colagens se constituam como dispositivos ou como tecnologias do eu na medida em que permitem aos sujeitos se “escreverem” e se inscreverem (em si), subjetivando-se ao permitirem a apropriação e o contato com seus próprios processos externos e internos.

Para Larossa (1994),

SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.56-76,jan/jul. 2023.

A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. (...) A segunda regra seria tomar as práticas concretas como domínio privilegiado de análise. Não considerar as práticas como espaço de possibilidades ou oportunidades favoráveis para o desenvolvimento da autoconsciência, da autonomia ou da autodeterminação, mas como mecanismos de produção da experiência de si (LARROSA, 1994, s/ pag).

Larossa afirma que são esses mecanismos que transformam os seres humanos em sujeitos, ou é “como a pessoa humana se fabrica no interior de certos aparatos (pedagógicos, terapêuticos) de subjetivação” (LARROSA, 1994, s/pag). Um dos aspectos que colaboram para a subjetivação (LARROSA, 1994) ou singularização (CHARLOT, 2000) é a experiência que o exercício artístico permite.

O sujeito da experiência, então, constitui-se no espaço em que os acontecimentos têm e ocupam lugar. O sujeito da experiência seja como espaço de passagem, como lugar de chegada, como espaço do acontecer é, sobretudo, um sujeito ex-posto que se coloca com abertura para o indeterminado, o risco, os perigos, o insuspeitado, o imprevisto, o inovador, “pondo-se a prova e buscando a oportunidade e a sua ocasião” (LARROSA, 1994, p. 6).

O sentido – ou o sem sentido - ou os sentidos que vão sendo atribuídos àquilo que passa, que se experimenta, constitui-se no saber da experiência simbolizada, aquilo que adquire consistência, valor e importância a partir do fluxo de sensações, sentimentos, informações que nos chegam e com os quais tomamos contato; indicando e configurando escolhas, opções, sensibilidades. Esse saber da experiência pode ser socializado, porém é ímpar e pessoal,

Um saber que não pode separar-se do indivíduo em quem encarna. (...) Tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo que é, por sua vez, uma ética (um modo e conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2001, p. 8).

O saber advindo da experiência abriga também a abertura para o surgimento do novo, do imprevisível, do não-repetível, do desconhecido, das incertezas. Nas palavras de Larrosa (2001), “(...) a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta

que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem pré-ver, nem pré-dizer” (p. 9).

Para Orbe (2001), o que se fascina pela novidade é capaz de fundar o porvir (p. 10). O contato com o novo carrega em si o potencial para se romper com o que está estabelecido, trazendo a possibilidade da transformação, através do uso da imaginação, da criatividade, da criação, da projeção e da realização, no entrecruzamento da Educação e da Arte. Conduas e práticas, ampliação dos sentidos, com o mundo e o si sendo vistos, sentidos, entendidos, significados, simbolizados com outros focos de atenção e disposição, permitindo a possibilidade da criação de algo novo, não como um eterno retorno, mas como possível de um novo início, não, simplesmente, como recriação, mas como invenção.

A colagem como linguagem artística se materializa em um suporte e age tanto no processo de feitura como ao seu final, como também na prática, como um registro que permanece como memória, passível de ser revisitada em novos sentidos e significados.

A colagem

No campo das Artes Visuais, diferentes linguagens expressivas são utilizadas, dentre elas a colagem. É tida como uma técnica de criação, experimentação e composição presente em várias escolas e movimentos artísticos, mas passa a ser mais presente e constante no século XX, nas vanguardas artísticas, com o Cubismo (utilizada de modo mais rígido e regado), o Dadaísmo (utilizada de modo mais flexível e ligada ao irracional e o onírico) e a Pop Art.

Já existia no Oriente, na época do surgimento do papel, em manuscritos chineses e japoneses. É uma manifestação artística doméstica, que esteve e está presente no dia-a-dia de muitos amadores, inclusive com efeitos terapêuticos e lúdicos. E os egípcios e assírios também faziam colagens nos papiros.

As colagens envolvem, normalmente, o papel tanto como suporte quanto material de trabalho, mas podem incluir uma variedade de materiais, o que amplia as possibilidades de exploração de relevo, textura e tridimensionalidade ou seja, de superfície e de relevo.

As colagens extrapolam as fronteiras entre a pintura e a escultura, o que traz certa transgressão e originalidade às produções, inclusive, por se apropriar de elementos e conteúdos já presentes em outras produções, em uma espécie de escambo, ou seja,

extraem-se fragmentos de obras ou aproveitam-se resíduos, refugos, sobras, descontextualiza-se algo do espaço-tempo inicial e recombina-os dando novos sentidos e significados. Num trabalho de mosaico ou de caleidoscópio ou alquímico, com ação de criação e exercício de imaginação sobre, de sobreposição, composição, recomposição, manipulação, interferência, produzem-se novas obras. Trata-se de construção de ideias a partir de ideias.

Essa apropriação, inclusive, traz em si o espírito da pirataria e da antropofagia, como assume o colagista Felipe Zuniga (<http://www.felipegarciadezuniga.com/visual.html>).

O movimento punk se valeu das colagens para a produção de zines, pelo barateamento no uso e reuso de materiais, necessitando-se, apenas, de papel, tesoura e cola para construir manifestos textuais-imagéticos, usando xerox para as impressões e a troca para divulgação e circulação. A Arte Postal, desde o Grupo Fluxus, nos anos 1960, até hoje, também incentivou e disseminou o uso das colagens como forma de livre expressão e manifestação.

Alguns artistas europeus e russos reconhecidos, que fizeram uso das colagens em suas obras são: Braque, Picasso, Gris, Kurt Schwitters, Max Ernst, Miró, Dalí, Malevich, Tatlin etc. No Brasil, alguns/as dos/as artistas modernos/as que se valeram da colagem são: Carlos Scliar, Piza, Guignard, Jorge de Lima, Athos Bulcão, Hélio Oiticica, Lygia Clark entre outros/as (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2020).

Saindo da explicação eurocêntrica e masculina, pode-se pensar em Mary Georgina Filmer, conhecida como *lady* Filmer, no século XIX, uma mulher, aristocrata, que fazia, domesticamente, fotocolagens e que não teve visibilidade como colagista – o termo nem existia -, pois não era considerada artista – e é anterior a Picasso, Matisse e Braque.

Na contemporaneidade, a colagem persiste ainda que possa ser vista como uma “arte menor”, embora popular. Pelos avanços tecnológicos, há explorações de colagens digitais, com efeitos abstratos e ilustrativos muito interessantes, tanto quanto as que são produzidas por processos manuais analógicos.

Alguns/as colagistas brasileiros/as, manuais analógicos e digitais, da atualidade, têm amplificado e fortalecido seu conhecimento por meio das redes sociais, especialmente *Facebook* e *Instagram* e, muitos/as deles/as, fazem de suas obras manifestos de resistência e enfrentamento a certas invisibilidades sociais, especialmente no que toca ao

gênero e étnico-raciais. De um rol vasto podem ser citados/as: Senegambia, Alexia Ferreira e Domitila de Paulo, que se valem da temática da negritude, Moara Brasil, que se vale da temática indígena e Elisa Riemers e Helena Schmidt, que se valem da temática do gênero feminino, entre outros/as.

E há, ainda, uma página no *Facebook* que agrega e divulga colagens, intitulada Sociedade Brasileira de Colagem Analógica, na qual é possível familiarizar-se com muitos/as colagistas.

Fuão (2011) apresenta a colagem como uma produção oriunda de encontro amoroso dos fragmentos, do distanciamento de partes que estiveram juntas em algum momento e que, por obra do acaso ou por um exercício proposital aproxima, inusitadamente, o que não havia estado em conexão.

Para ele,

O que qualifica a collage é a aproximação do distanciado. A collage só pode existir em um mundo despedaçado, fragmentado pelos golpes de cortes que a máquina fotográfica faz na realidade. A verdade é que não pode haver collage em um mundo intacto, onde não existam pedaços para serem colados. Collage é um gesto sobre um mundo destruído, de alguma forma. Quem faz collage não pode contentar-se com um mundo em ruína. Re-colar esses fragmentos é construir um mundo novo. (FUÃO, 2011, p. 30)

O manuseio de imagens extraídos de seu contexto espaço-temporal original por meio de recortes e a construção de uma narrativa imagética fixada por meio de uma substância aderente em um determinado suporte tem muito de desejo, de intuição e de inconsciente, por isso, a colagem como linguagem, permite pela criação o contato e a elaboração de repertórios culturais e a atribuição de sentidos possíveis. “Quem faz collage não escreve, inscreve. (Ins)crever é escrever em profundidade, escrever dentro”, afirma Fuão (2011, p. 36), reforçando o aspecto investigativo, o dispositivo pedagógico ou a tecnologia do eu.

O percurso com as deusas analógicas

O tempo em Pandemia e o desgoverno brasileiro daquele contexto causou o descontrole da doença, a perda de milhares de vidas, o sofrimento psíquico, o luto, o isolamento doméstico (para os que puderam garantir isso).

Nesse contexto adverso, a arte foi a possibilidade de dar vazão às minhas profundezas e trevas, mas também trouxe a abertura para o respiro e a esperança em dias e vidas melhores para todos/as.

A fantasia, a imaginação criativa foram forças que, por conterem em si gérmens adormecidos que encontram terreno fértil para proliferarem e trazerem à luz imagens oníricas, simbólicas, arquetípicas que fornecem condições para autoconhecimento e reinvenção de si.

Se tratei dos tempos Chronos, Áion e Kairós no início deste artigo, para contextualizar-me em relação à situação pandêmica, me reporto as ideias de caos e cosmo que, mitologicamente, precedem a inauguração temporal, para tratar de processos internos e externos que perpassaram esses dois momentos de construção de espaços a serem ocupados.

As mitologias costumam apresentar a origem do universo e de tudo que há, motivadas por uma energia masculina chamada Caos que se manifesta de modo desordenado, espalhado, disperso e, que, em seguida, num embate de forças, se organiza, se equilibra, se harmoniza, por meio de uma energia feminina chamada Cosmo.

Se esse embate ocorre no nível macro, também se reflete no nível micro e a realidade pandêmica, em todo o seu acontecimento, instaurou o caos perceptivelmente, retirando certezas ancoradas que se tornavam ruínas e deixando tudo e todos/as em estado de suspensão, reclusos em espaços privados. Nos pequenos universos domiciliares, o caótico no cotidiano, em termos de ações, sentimentos, pensamentos, se tornou regra e presença alucinada. E a busca necessária e saudável de possíveis e momentâneos cosmos tornou-se uma constante, para apaziguar o sentimento de perda de sentidos, de significados, de um plano onde habitar, de um tempo para se contar.

A sensação de caos pedia um exercício de construção, de ordenação, de junção, de aproximação de modo amoroso, o que a colagem veio a permitir nos longos dias e horas e que veio a ser uma companhia em difíceis momentos.

O embate entre as forças do caos e do cosmo, também se dá entre a força do pensamento e a do sensível como afirma Maciel Júnior (2019) ao falar da criação de uma obra de arte:

resulta da conjunção de uma vontade embriagada que ativa o pensamento, forçando-o a pensar no combate contra o caos. Como pensar é criar seres de sensações duráveis que darão consistência interna a uma obra que resiste neste combate entrevisto acima, talvez seja preciso narrar a sua gênese procurando na vontade a sua condição empírica. (MACIEL JÚNIOR, 2019, s/p)

Esse embate de forças provoca o surgimento de algo que se manifesta com a intervenção da imaginação e da criação e que, em muitos momentos, supera ou diverge do que foi pensado, inclusive porque operou com material do inconsciente. E esse é o espanto que o registro artístico provoca.

Dos cursos *on line* que fazia, da poesia que lia, das músicas que ouvia, dos microcontos que escrevia, iam surgindo imagens potentes que pediam para ser materializadas com aquilo de que dispunha no momento: pilhas de revistas de moda, de ciências, de arquitetura, catálogos de agências de viagem, cartões postais, textos de divulgação e propaganda, embalagens de papel cartão, estilete, cola branca e certa embriaguez.

Embriaguez que Maciel Júnior (2019) recupera de Nietzsche como pré-condição para se fazer arte:

para haver arte, para haver alguma atividade e contemplação estética, é indispensável uma pré-condição fisiológica: a embriaguez. A suscetibilidade de toda a máquina tem de ser intensificada pela embriaguez: antes não se chega a nenhuma arte. Todos os tipos de embriaguez têm força para isto, por mais diversamente ocasionados que sejam. Sobretudo a embriaguez da excitação sexual, a mais antiga e primordial forma de embriaguez. Assim também a embriaguez que sucede todos os grandes desejos, todos os afetos poderosos; a embriaguez da festa, da competição, do ato de bravura, da vitória, de todo movimento extremo; a embriaguez da crueldade, a embriaguez na destruição; a embriaguez sob certos influxos meteorológicos, por exemplo, a embriaguez primaveril; ou sob influência de narcóticos; a embriaguez da vontade, por fim, de uma vontade carregada e avolumada. O essencial da embriaguez é o sentimento de acréscimo da energia e da plenitude (NIETZSCHE, 2006, p. 67-68 apud MACIEL JÚNIOR, 2019, s/p).

E sentada no tapete do escritório, passei momentos de plena entrega e presença, separando o que estava junto, criando fissuras com o corte da tesoura e depois, aproximando o que pedia para estar junto, guiada por desejo e intuição. Criei um ritual colagístico (como diz Sante [2021] sobre o modo de fazer colagens de Jim Jarmusch, com

recortes de jornal de cada dia) e, assim, as colagens foram os registros desse tempo histórico e memorável.

Registrar é inscrever algo vivido ou projetado em algum suporte físico, tangível ou intangível. Como afirma Fernandes (2006), para se registrar é preciso estar de prontidão para a percepção, a apreensão, a captura, assim como acontece com o artista. Para tanto, dois movimentos iniciais são imprescindíveis: a experiência do cotidiano, que é aquilo que nos passa, o que se perde e o que fica, com o que ela traz de iminência, de acaso, de imprevisto, de rupturas, do que foi possível; o olhar e a escuta e demais sentidos atentos para evocarem o tempo do estabelecimento das relações com as coisas ao redor. A ação de inscrever, de registrar, é a forma possível de se apropriar da experiência vivida, da história e da memória.

Além dessas intenções, outras se abrem ou aparecem nesse movimento: a deflagração de algo novo, a instauração, a provocação, o rompimento, a ampliação ou alargamento de limites.

Nesse sentido, são necessárias algumas ferramentas ou posturas para esse processo de imersão e certo encantamento: dispor de tempo, ter presença, disciplina, concentração, método, pesquisas, consultas, trocas, escolhas, decisões, prontidão, tateios e erros, divagações, criatividade, imaginação.

É nesse exercício mental e sensível que acontecem as subjetivações, a partir da reelaboração de repertórios simbólicos, culturais e de emoções e sentimentos.

A surpresa que acontece no momento e após a realização das colagens é proporcional ao potencial de transformação e de lampejo de consciência que o conteúdo inscrito nelas reflete e reverbera ainda que de modo não totalmente enunciável.

Desde 2019, no vigor e no vingar da Pandemia em três momentos pedagógicos em espaços escolares e no período de isolamento social no espaço domiciliar a colagem serviu como linguagem e como investigação a partir da reelaboração de repertórios simbólicos, de memória e do registro no papel como suporte para a exteriorização e a criação a partir de proposições feitas por mim.

As três ocasiões envolveram, em 2019, alunos/as de uma instituição particular de Ensino Superior, no curso de Mestrado em Educação, realizando presencialmente oficinas

coletivas de colagem analógica (FERNANDES, 2021) e escrita, a partir da noção de memória e da arte da memória, de escrita-pensamento-fluxo, construindo baralhos temáticos (FERNANDES, 2019); em 2021, de modo remoto, com alunos/as de Ensino Fundamental da rede pública, durante as aulas de História, tendo como motivação a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, que iniciava o Acampamento Terra Livre 2021 e as temáticas que foram lançadas nas redes digitais naquele momento como visibilidade e fortalecimento (a saber: Nosso direito de existir; Vidas indígenas importam; Emergência indígena; Decidimos não morrer) e, em 2022, presencialmente, com alunos/as do Ensino Médio da rede pública, no projeto Pintando o sete, que faz parte da disciplina de Artes, do Programa de Ensino Integral (PEI), a partir de temáticas pessoais, como: gravidez, carros, abstrações e geometrismos.

Em cada oportunidade dessas, pude promover a descoberta e o entusiasmo de crianças e jovens pela potência que a linguagem artística traz de criar sentidos e, especialmente, a colagem, pela condensação de imagens e pela ordenação do que é, a princípio, sem sentido. E ainda, o aprendizado da combinação de cores, de formas, de disposição no espaço do papel, de equilíbrio, de justaposição, de vazios e cheios e do reaproveitamento do que se tem.

Essa é a experiência a que se refere Larrosa (2015), relacionando, inclusive, a Educação e a Arte,

É verdade que pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática. (...) tratei de construir uma experiência como uma categoria vazia, livre, como uma espécie de oco ou de intervalo, como uma espécie de interrupção, ou de quebra, ou de surpresa, como uma espécie de ponto cego, como isso que nos acontece quando não sabemos o que nos acontece e sobretudo como isso que, embora nos empenhemos, não podemos fazer com que nos aconteça, porque não depende de nós, nem de nosso saber, nem de nosso poder, nem de nossa vontade. (LARROSA, 2015, p. 12)

Para ele, a experiência só se preocupa e se compromete com ela mesma, por isso é particular e tem “caráter intransitivo (...), selvagem, autotélico e não regulado” (LARROSA, 2012, p. 14). Imbuída disso, passei a conviver ritualisticamente com a construção de colagens de Deusas, compondo uma série que segue em processo e apresenta divindades de diversas culturas, com seus simbolismos presentes de modo evidente ou sugeridos.

Embora tenha começado com deusas e deuses totêmicos, fui ampliando o conceito até englobar personagens masculinos e femininos que, por seu trabalho engajado e postura militante, que passaram a ser entendidos por divindades.

Deusas é um conceito, uma ferramenta emotiva-cognitiva, uma ideia, uma palavra que circunscreve e configura terrenos de entendimento, mas com porosidade e permeabilidade para não indicar cerceamentos e limitar possíveis outras coisas. No percurso da humanidade, ao longo dos tempos-espacos, em diversas culturas, nos campos e nas cidades, as deusas foram e são representadas, cultuadas, homenageadas como seres a quem se atribui a criação, a preservação, o rompimento do estabelecido, a regeneração, a transformação, a metamorfose que opera dentro e fora.

Assim, deusas seriam a inspiração para lutas, embates, que abrem caminhos, brechas, frestas, abalos nos pilares da estrutura social, em tentativas de exercer e exercitar a busca pela liberdade de ser, viver e existir na diferença.

Neste panteão – do qual uma pequena parcela é apresentada a seguir, ou seja, 6 de um total de 65 - produzido com colagens analógicas, por meio de pesquisa e tendo a intuição como guia, é reapresentada uma diversidade de mulheres ou personalidades femininas, para além do humano, provenientes de mitos, contos e histórias de luta, resistência, reexistência e reinvenção.

Trago a deusa Mamasara, dos grãos, da colheita, uma divindade agrícola dos incas, com traços indígenas, longos cabelos trançados que se mistura às montanhas andinas e se reflete na fartura das comidas. Uma deusa misturada aos animais e aos vegetais.

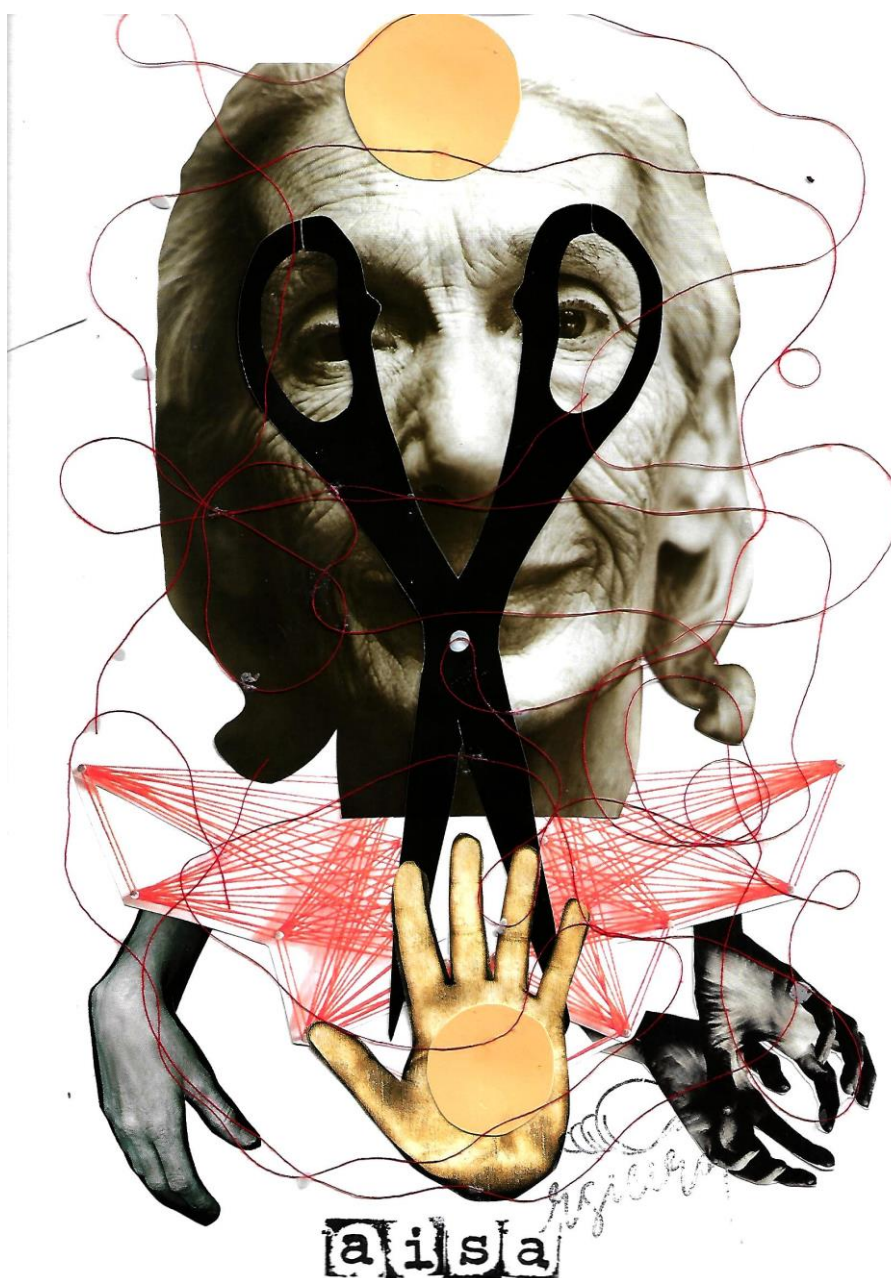
Figura 1: Mamasara



Fonte: FERNANDES (2019)

A deusa Aisa, entre os gregos, dona dos destinos, fiandeira, a mais velhas das três moiras, a portadora de tesoura, que cortava e findava o correr da vida terrena. A dona das mãos que imprimem traços na pele que se referem ao conteúdo e tempo do vivente na Terra.

Figura 2: Aisa



Fonte: FERNANDES (2020)

Selkis, a deusa egípcia, portadora de escorpiões brancos e negros. A deusa protetora, da cura e conhecedora dos mundos inferiores e identificada com o calor abrasador do sol. Deusa dos partos, do renascimento

Figura 3: Selkis



Fonte: FERNANDES (2021)

Niké, a deusa grega alada, atrelada a força, velocidade e vitória. A deusa que chega antes, que mostra os caminhos para triunfar. A deusa que personifica a disciplina e a determinação.

Figura 4: Niké



Fonte: FERNANDES (2021)

Salomé, a deusa do Oriente Médio, a exímia dançarina dos ritos de fertilidade.

Figura 5: Salomé



Fonte: FERNANDES (2021)

Tiamat, a deusa suméria e babilônica associada às águas do oceano, personificada como serpente marinha, responsável por tudo que existe, por ter separado o céu da terra com uma incisão em seu tórax.

Figura 6: Tiamat



Fonte: FERNANDES (2022)

Essas e outras mulheres ou personalidades femininas constituem arquétipos presentes em nosso imaginário como imagens psíquicas guardadas e reavivadas na memória coletiva e como ferramentas de subjetivação não como modelos a serem atingidos. Simbolizam a natureza em sua inteireza, trazendo elementos de animais e vegetais em seus corpos hibridizados ou em sua companhia. Simbolizam a deusa original estilhaçada em várias facetas, compondo a diversidade do que pode ser a energia do feminino e as existências possíveis da potência de ser mulher nos modos de nos compreendermos e aos outros e de inventarmos-nos, influenciando sentimentos, emoções e ações políticas no cotidiano com úteros, espadas, lanças, flechas, flores, chaves, sangue, tambores e outras inúmeras potências.

Esses gérmenes gestam universos plurais e de suas placentas femininas nascem seres femininos que contêm em si outros seres femininos, numa sucessão que se encadeia e se fortalece. Por esta razão, a série escolhida, composta por recortes que se aproximam de modo amoroso, como fragmentos de uma conversa que afeta quem ouve e que vê, apresenta imagens de mulheres em corpos diversos, de contextos variados, em situações insuspeitadas, por vezes oníricas, por outras fabulares, ou até míticas ou mitológicas.

E por ela, pretende-se que despertem e ecoem vida, fluxos vitais, que reacendam fogueiras internas, ocupando espaços esvaziados e ressignificando mortes e perdas. Que seu potencial imagético e simbólico possa provocar em todos/as, a força do feminino e a reconexão com essa dimensão, presente em nós e tão necessária em tempos de guerra, de violência, de usurpação.

Que o feminino que nos habita possa reacender e retomar o percurso, trazendo outras perspectivas mais saudáveis, coletivas, amorosas de se viver e existir nos tempos que virão.

Considerações

A colagem como linguagem artística permite transformar o caos em cosmo, dando sentido ao que é sem sentido, fazendo junções ao que está disperso, ainda que sob o embate de forças do pensamento e do sensível, do racional e do intuitivo e do inconsciente.

O exercício da experimentação permite acontecer a pesquisa de si, instaurando processos que humanizam, socializam e singularizam ou subjetivam, criando resistências e reinvenções nos modos possíveis de ser, entender, viver, agir sobre o mundo.

A prática e a experiência são as possibilidades de acontecimento de transformações simbólicas e culturais, daí, históricas, pessoais e coletivas.

O registro imagético que fica como marca da produção é uma narrativa visual, em que letra, traço, imagem são ressignificações e inscrições de si. Portanto, a colagem, como uma linguagem é um dispositivo formativo, que pode ser usado como recurso pedagógico, especialmente em momentos e situações de vulnerabilidade provocadas e sentidas nas incursões temporais na atualidade. Se tanto o tempo Chronos, como o tempo Kairós, como o tempo Áion se sucedem ou se excluem, dependendo de como cada sujeito se enreda em seus fios e teias, criar condições para ritualizar os atos no cotidiano e dar novos sentidos a ele é abrir brechas e frestas para a construção de si e de outros modos de se viver e de agir sobre o mundo.

Se na atualidade, encontros presenciais e à distância, em casa ou na escola, pessoais e coletivos, são as possibilidades que se apresentam em suas variabilidades momentâneas, que sejam aproveitadas naquilo que oferecem de inusitado, de imprescindível, de urgente.

Se tempos pandêmicos são o que temos e o que, em tese, teremos daqui para diante, que a experiência temporal e espacial seja a que nos toca de outros modos e nos sensibiliza de múltiplas formas, mas que haja condições de simbolizarmos e atribuirmos sentido à vida e a existência, de antídotos contra a banalidade e o mal.

Que sejam tempos de abertura criativa, de invenção e de experimentação, logo, tempos artísticos. Que sejam tempos de processos formativos mais humanizadores, logo, tempos educativos. Que sejam tempos de reorganização de fragmentos, cacos, ruínas por um amálgama que tenha a amorosidade e o encontro como substâncias aderentes. Que sejam tempos de mergulhos em profundezas, mas de respiros ainda que em alto mar.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber, elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. *Verbetes colagem*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo369/colagem>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. *Algumas orientações para navegantes e principiantes na navegação: relacionando a pedagogia de projetos com a educação não-formal*. Montagem (Ribeirão Preto), v. 8, p. 70-81, 2006.

FERNANDES, Renata Sieiro. Tarô-arte. Tarô-política. Tarô-ciência. CLIMACOM - Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte, LABJOR, UNICAMP, v. 15, p. 1-2, 2019.

FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação-Arte. Memória-Escrita. Memória-Imagem*. In: FERNANDES, Renata Sieiro; GOUVEIA NETO, João Costa; POSCA, Luís Müller. (Org.). *Arte e educação: encontros investigativos na contemporaneidade*. Piauí: Acadêmica Editorial, 2021, v. 1, p. 15-31.

FUÃO, Fernando Freitas. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

LARROSA, J. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*, In: Leituras SME, Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumec, n. 4, julho/2001.

LARROSA, Jorge. Larrosa, Jorge. *Tecnologias do eu e educação*, In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86. Disponível em: <file:///C:/Renata/artigos%20de%20outros/Larrosa,%20Jorge.%20Tecnologias%20do%20eu%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.htm>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ORBE, Fernando Bárcena. *A aprendizagem do novo: reflexões sobre a tragédia no começo*, in: Leituras SME, Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumec, n. 3, julho/2001.

MACIEL JÚNIOR, Auterives. *Do Caos ao Cosmos: Vida e pensamento na criação de uma arte desmedida*. Revista Cosmos&Contexto, jan., 2019. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/do-caos-ao-cosmos-vida-e-pensamento-na-criacao-de-uma-arte-desmedida/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SANTE, Luc. Foreword. In: JARMUSCH, Jim. *Some collages*. Nova York: Anthology Editions, 2021.